

Pirâmides – Segundo o ilustrado egiptólogo Mariette, as pirâmides são apenas monumentos funerários. As três grandes pirâmides de Gizeh são as tumbas de Cheops, Chefren e Miquerinus; as pequenas são os sepulcros dos membros da família destes reis. No conceito de E. de Rougé, as pirâmides funerárias eram monumentos votivos relacionados com o culto solar. “O personagem principal - diz - encontra-se geralmente representado em atitude de adoração, com o rosto voltado para o meio-dia e, à sua esquerda, há as fórmulas de invocação ao Sol nascente e, à sua direita, aquelas dirigidas ao Sol poente.” Estudos novos e mais detalhados vieram a demonstrar que as quatro faces de tais monumentos estão orientadas de modo a que correspondam aos quatro pontos cardeais, obedecendo assim a um fim astronômico. De fato, as pirâmides encontram-se intimamente relacionadas com a idéia da constelação do Grande Dragão, os “Dragões de Sabedoria” ou os grandes Iniciados da terceira e quarta raças e com aquela das inundações do Nilo, consideradas como uma lembrança do grande dilúvio atlântico. (*Doutrina Secreta*, II, 369). Na construção da Grande Pirâmide, baseada no sistema decimal (o número 10, ou seja, a combinação dos princípios masculino e feminino), observa-se um sistema de *ciência exata, geométrica*, numérica e astronômica, baseada na razão integral do diâmetro da circunferência do círculo. A construção das pirâmides constitui uma recordação durável e o símbolo indestrutível do curso dos astros, bem como dos Mistérios e iniciações. De fato: as medidas da Grande Pirâmide coincidem com as do alegórico Templo de Salomão, emblema do ciclo da Iniciação, como coincidem também com as da Arca de Noé e da Arca da Aliança. (*Doutrina Secreta*, I, 333-334 e II, 487) e realmente tal monumento era um santuário majestoso, em cujos recintos sombrios eram celebrados os Mistérios e cujas paredes foram testemunhas mudas das cenas de iniciação de membros da família real. O sarcófago de púrpura, que Piazzi Smyth tomou por simples depósito de grãos, era a *pia batismal*; ao sair dela, o neófito “renascia” e se tornava Adepto. (*Ísis sem Véu*, I, 519) A Pirâmide era também símbolo do Princípio criador da Natureza, assim como da excelsa hierarquia dos Espíritos (*Devas, Pitris* etc.). Além disso, simbolizava o universo fenomenal consumindo-se no universo numenal do pensamento no vértice dos quatro triângulos e, finalmente, simbolizava o mundo ideal e o visível, visto que em suas figuras estão combinados o triângulo dos lados, o quadrado da base e o vértice, ou seja, a Tríada e o Quaternário, o 3 e o 4. (*Doutrina Secreta*, I, 677)

Pirra (Pyrrha) (*Gr.*) – Filha de Epimeteu e Pandora, que se casou com Deucalião. Depois de um dilúvio em que quase toda a humanidade foi aniquilada, Pirra e Deucalião fizeram homens e mulheres das pedras que lançavam atrás deles. [Ver *Deucalião e Dilúvio*.]

Pirron – Filósofo grego que viveu na segunda metade do séc. IV antes de nossa era. Seu sistema consistia em duvidar de tudo. Ao examinar uma proposição qualquer, seu ânimo vacilava entre o pró e o contra. De modo que seu julgamento nunca era decisivo. Sustentava que a justiça ou a injustiça, a bondade ou a maldade das ações humanas dependiam unicamente das leis do país, bem como de seus usos e costumes. Este modo de discutir, sem afirmar ou negar, foi chamado de ceticismo ou pirronismo.

Pirronismo – A doutrina do ceticismo tal como foi ensinada por Pirron. Seu sistema era muito mais filosófico do que a escola da negação de nossos pirronistas modernos. [Ver *Pirron*.]

Pisâchas (*Sânc.*) – Segundo os *Purânas*, são demônios ou maus gênios criados por Brahmá. Segundo a crença popular do Sul da Índia, são espíritos, fantasmas, demônios, larvas e vampiros, geralmente fêmeas (*Pisâchû*), que aparecem aos homens. Restos inconsistentes de seres humanos, que residem no *Kama-loka* como cascas ou elementares. Ordem inferior de demônios ou gênios maléficos, sedentos de sangue, que participam da natureza dos *râkchasas*, embora inferiores a estes. (Ver *Kâmarûpa* e *Incubos*.)

Pisâcha-loka (*Sânc.*) – A região habitada pelos *pisâchas*, demônios ou vampiros. O último dos oito mundos, segundo as escolas *Sânkhya* e *Vedânta*.

Pistis Sophia (*Gr.*) – “Conhecimento-Sabedoria”. Um livro sagrado dos antigos gnósticos ou cristãos primitivos. [A maior autoridade moderna no que se refere às crenças gnósticas exotéricas, C. W. King, diz, falando do *Pistis Sophia*: “aquele precioso monumento do gnosticismo”.]

Pitá (*Sânc.*) – Nominativo singular de *Pitri*: Pai. (Ver *Pitri*.)

Pitágoras (Pythagoras) (*Gr.*) – O mais célebre dos filósofos místicos. Nasceu na ilha de Samos, por volta do ano 586 a.C. Ao que parece, viajou por todo o mundo e retirou sua filosofia dos diversos sistemas de que teve conhecimento. Assim, estudou a ciência esotérica com os *bracmanes* da Índia e a astronomia e a astrologia na Caldéia e o Egito. Até hoje é conhecido no primeiro dos países citados pelo nome de Yavanâchârya (“o mestre jônio”). Após seu regresso, instalou-se em Crotona, na Magna Grécia, onde estabeleceu uma escola [escola itálica], à qual prontamente afluíram todas as melhores inteligências dos centros civilizados. Seu pai, um certo Mnesarco de Samos, era homem instruído e de berço nobre. Pitágoras foi o primeiro a ensinar o sistema heliocêntrico e era o sábio mais versado em geometria do seu século. Criou também a palavra “filósofo”, composta de dois termos que significam “amante da sabedoria” (*philo-sophos*). Como o maior matemático, geômetra e astrônomo da Antiguidade histórica, bem como o maior matemático, geômetra e astrônomo da Antiguidade histórica, bem como o mais eminente dos metafísicos e sábios, Pitágoras adquiriu fama imortal. Ensinou também a doutrina da reencarnação, tal como era professada na Índia, e muitas outras coisas da Sabedoria Secreta. [Ver (*As*) *Dez Virtudes Pitagóricas* e *Versos Áureos, Regime Pitagórico* etc.]

Pitagorismo – O sistema filosófico de Pitágoras.

Pitakas (*Pál.*) – Coleções ou grupos de livros. (Ver *Tripitakas*.)

Pitâmaha (*Sânc.*) – Literalmente, “grande pai”. Avô paterno.

Pitara – Ver *Pitaras*.

Pitara-devatâ (Pitar Devatâ) (*Sânc.*) – Os “deuses-pais”; os antecessores lunares da humanidade. [Os *Pitara-devatâ* ou deuses-*pitris* são também chamados de “Chamas”, *Asuras* ou *Asura-Devatâs* (deuses), porque foram primeiro deuses – e dos mais elevados – antes de se tornarem “não deuses”, Espíritos celestes que iriam cair, convertidos em Espíritos da Terra (*exotericamente*, entenda-se bem, segundo o dogma ortodoxo). (*Doutrina Secreta*, II, 258)]

Pitaras (ou **Pitara**) (*Sânc.*) – Nominativo plural de *Pitris*. Os pais, antecessores [ou *pitris*]. Os pais das raças humanas. (Ver *Pitris*.)

Pitha (*Sânc.*) – O Sol, o fogo, o tempo (que a tudo absorve); água potável.

Pitia (Pythia) – Ver *Pitonisa*.

Pitonisa ou Pythia (*Gr.*) – Segundo os dicionários modernos, esta palavra designa a pessoa que dava os oráculos no templo de Delfos e toda mulher que se supunha dotada do espírito de adivinhação, “uma feiticeira” (*Webster*). Tal definição não é verdadeira nem exata. Apoiando-nos na autoridade de Jámblico, Plutarco e outros autores, a Pitonisa era uma sacerdotisa [de Apolo] escolhida entre as *sensitivas*, jovens puras e das classes mais pobres e colocada num templo, onde eram exercitados os poderes oraculares. Ali ela tinha uma residência isolada de todos, exceto do Hierofante ou vidente principal e, uma vez admitida, ficava, como uma monja, perdida para o mundo. Sentada em